

DOMINGO III DO ADVENTO

CIC 30, 163, 301, 736, 1829, 1832, 2015, 2362: a alegria

30 «Exulte o coração dos que procuram o Senhor» (*Sl* 105, 3). Se o homem pode esquecer ou rejeitar Deus, Deus é que nunca deixa de chamar todo o homem a que O procure, para que encontre a vida e a felicidade. Mas esta busca exige do homem todo o esforço da sua inteligência, a rectidão da sua vontade, «um coração recto», e também o testemunho de outros que o ensinam a procurar Deus.

És grande, Senhor, e altamente louvável; grande é o teu poder e a tua sabedoria é sem medida. E o homem, pequena parcela da tua criação, pretende louvar-Te – precisamente ele que, revestido da sua condição mortal, traz em si o testemunho do seu pecado, o testemunho de que Tu resistes aos soberbos. Apesar de tudo, o homem, pequena parcela da tua criação, quer louvar-Te. Tu próprio a isso o incitas, fazendo com que ele encontre as suas delícias no teu louvor, porque nos fizeste para Ti e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em Ti¹.

163 A fé faz que saboreemos, como que de antemão, a alegria e a luz da visão beatífica, termo da nossa caminhada nesta Terra. Então veremos Deus «face a face» (*1 Cor* 13, 12), «tal como Ele é» (*1 Jo* 3, 2). A fé, portanto, é já o princípio da vida eterna:

«Enquanto, desde já, contemplamos os benefícios da fé, como reflexo num espelho, é como se possuíssemos já as maravilhas que a nossa fé nos garante haveremos de gozar um dia»².

301 Depois da criação, Deus não abandona a criatura a si mesma. Não só lhe dá o ser e o existir, mas a cada instante a mantém no ser, lhe dá o agir e a conduz ao seu termo. Reconhecer esta dependência total do Criador é fonte de sabedoria e de liberdade, de alegria e de confiança:

«Vós amais tudo quanto existe e não tendes aversão a coisa alguma que fizestes; se tivésseis detestado alguma criatura, não a teríeis formado. Como poderia manter-se qualquer coisa, se Vós não quisésseis? Como é que ela poderia durar, se não a tivésseis chamado à existência? Poupais tudo, porque tudo é vosso, ó Senhor, que amais a vida» (*Sb* 11, 24-26).

736 É graças a esta força do Espírito que os filhos de Deus podem dar fruto. Aquele que nos enxertou na verdadeira Vide far-nos-á dar «os frutos do Espírito: caridade, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, auto-domínio» (*Gl* 5, 22-23). «O Espírito é a nossa vida»: quanto mais renunciarmos a nós próprios³, mais «caminharemos segundo o Espírito»⁴:

¹ SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, I, 1, 1: CCL 27, 1 (PL 32, 659-661)

² SÃO BASÍLIO MAGNO, *Liber de Spiritu Sancto*, 15, 36: SC 17bis, 370 (PG 32, 132); cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae* II-II, q. 4, a. 1, c: Ed. Leon. 8, 44.

³ Cf. *Mt* 16, 24-26.

⁴ Cf. *Gl* 5, 25.

«Pela comunhão com Ele, o Espírito Santo torna-nos espirituais, recoloca-nos no paraíso, reconduz-nos ao Reino dos céus e à adopção filial, dá-nos a confiança de chamar Pai a Deus e de participar na graça de Cristo, de ser chamados filhos da luz e de tomar parte na glória eterna»⁵.

1829 Os *frutos* da caridade são: a alegria, a paz e a misericórdia; exige a prática do bem e a correcção fraterna; é benevolente; suscita a reciprocidade, é desinteressada e liberal; é amizade e comunhão:

«A consumação de todas as nossas obras é o amor. É nele que está o fim: é para a conquista dele que corremos; corremos para lá chegar e, uma vez chegados, é nele que descansamos»⁶.

1832 Os *frutos* do Espírito são perfeições que o Espírito Santo forma em nós, como primícias da glória eterna. A tradição da Igreja enumera doze: «caridade, alegria, paz, paciência, bondade, longanimidade, benignidade, mansidão, fidelidade, modéstia, continência, castidade» (*Gl* 5, 22-23 segundo a Vulgata).

2015 O caminho desta perfeição passa pela cruz. Não há santidade sem renúncia e combate espiritual⁷. O progresso espiritual implica a ascese e a mortificação, que conduzem gradualmente a viver na paz e na alegria das bem-aventuranças:

«Aquele que sobe, nunca mais pára de ir de princípio em princípio, por princípios que não têm fim. Aquele que sobe nunca mais deixa de desejar aquilo que já conhece»⁸.

2362 «Os actos pelos quais os esposos se unem íntima e castamente são honestos e dignos; realizados de modo autenticamente humano, exprimem e alimentam a mútua entrega pela qual se enriquecem um ao outro com alegria e gratidão»⁹. A sexualidade é fonte de alegria e de prazer:

«Foi o próprio Criador Quem [...] estabeleceu que, nesta função [da geração], os esposos experimentassem prazer e satisfação do corpo e do espírito. Portanto, os esposos não fazem nada de mal ao procurar este prazer e gozar dele. Aceitam o que o Criador lhes destinou. No entanto, devem saber manter-se dentro dos limites duma justa moderação»¹⁰.

CIC 227, 2613, 2665, 2772: a paciência

227 *É ter confiança em Deus, em todas as circunstâncias, mesmo na adversidade. Uma oração de Santa Teresa de Jesus exprime admiravelmente tal atitude:*

«Nada te perturbe / Nada te espante
Tudo passa / Deus não muda
A paciência tudo alcança / Quem a Deus tem
nada lhe falta / Só Deus basta»¹¹.

⁵ SÃO BASÍLIO MAGNO, *Liber de Spiritu Sancto* 15, 36: SC 17bis, 370 (PG 32, 132).

⁶ SANTO AGOSTINHO, *In epistulam Iohannis ad Parthos tractatus* 10, 4: PL 35, 2056-2057.

⁷ Cf. 2 *Tm* 4.

⁸ SÃO GREGÓRIO DE NISSA, *In Canticum* homilia 8: *Gregorii Nysseni opera*, ed. W. JAEGER – H. LANGERBECK, v. 6 (Leiden 1960) p. 247 (PG 44, 941).

⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 49: AAS 58 (1966) 1070.

¹⁰ PIO XII, *Alocução aos participantes no Congresso da União Católica Italiana de Obstetras* (29 de Outubro de 1951): AAS 43 (1951) 851.

¹¹ SANTA TERESA DE JESUS, *Poesía*, 9: *Biblioteca Mística Carmelitana*, v. 6 (Burgos 1919), p. 90 [SANTA TERESA DE JESUS, *Obras Completas* (Paço de Arcos, Edições Carmelo 1994) 1390].

- 2613** São Lucas transmite-nos três *parábolas* principais sobre a oração. A primeira, a do «amigo importuno»¹², convida-nos a uma oração persistente: «Batei, e a porta abrir-se-vos-á». Àquele que assim ora, o Pai celeste «dará tudo quanto necessitar» e dará, sobretudo, o Espírito Santo, que encerra todos os dons. A segunda, a da «viúva importuna»¹³, está centrada numa das qualidades da oração: é preciso orar sem se cansar, com a *paciência* da fé. «Mas o Filho do Homem, quando voltar, achará porventura fé sobre a terra?». A terceira, a do «fariseu e do publicano»¹⁴, diz respeito à *humildade* do coração orante. «Meu Deus, tende compaixão de mim, que sou pecador». A Igreja não cessa de fazer sua esta oração: «*Kyrie, eleison!*».
- 2665** A oração da Igreja, alimentada pela Palavra de Deus e pela celebração da liturgia, ensina-nos a orar ao Senhor Jesus. Mesmo sendo dirigida sobretudo ao Pai, ela inclui, em todas as tradições litúrgicas, formas de oração dirigidas a Cristo. Certos salmos, segundo a sua actualização na oração da Igreja, e o Novo Testamento, colocam nos nossos lábios e gravam nos nossos corações as invocações desta oração a Cristo: Filho de Deus, Verbo de Deus, Senhor, Salvador, Cordeiro de Deus, Rei, Filho muito amado, Filho da Virgem, Bom Pastor, nossa Vida, nossa Luz, nossa Esperança, nossa Ressurreição, Amigo dos homens...
- 2772** Desta fé inabalável brota a esperança que suscita cada uma das sete petições. Estas exprimem os gemidos do tempo presente, este tempo da paciência e da espera, durante o qual «ainda não se manifestou o que havemos de ser» (1 Jo 3, 2)¹⁵. A Eucaristia e o Pai-nosso apontam para a vinda do Senhor, «até que Ele venha!» (1 Cor 11, 26).

CIC 439, 547-550, 1751: a manifestação de Jesus como Messias

- 439** Numerosos judeus, e mesmo alguns pagãos que partilhavam da sua esperança, reconheceram em Jesus os traços fundamentais do messiânico «filho de David», prometido por Deus a Israel¹⁶. Jesus aceitou o título de Messias a que tinha direito¹⁷, mas não sem reservas, uma vez que esse título era compreendido, por numerosos dos seus contemporâneos, segundo um conceito demasiado humano¹⁸, essencialmente político¹⁹.
- 547** Jesus acompanha as suas palavras com numerosos «milagres, prodígios e sinais» (Act 2, 22), os quais manifestam que o Reino está presente n'Ele. Comprovam que Ele é o Messias anunciado²⁰.

¹² Cf. Lc 11, 5-13.

¹³ Cf. Lc 18, 1-8.

¹⁴ Cf. Lc 18, 9-14.

¹⁵ Cf. Cl 3, 4.

¹⁶ Cf. Mt 2, 2; 9, 27; 12, 23; 15, 22; 20, 30; 21, 9.15.

¹⁷ Cf. Jo 4, 25-26; 11, 27.

¹⁸ Cf. Mt 22, 41-46.

¹⁹ Cf. Jo 6, 15; Lc 24, 21.

²⁰ Cf. Lc 7, 18-23.

- 548** Os sinais realizados por Jesus testemunham que o Pai O enviou²¹. Convidam a crer n'Ele²². Aos que se Lhe dirigem com fé, concede-lhes o que pedem²³. Assim, os milagres fortificam a fé n'Aquele que faz as obras do seu Pai: testemunham que Ele é o Filho de Deus²⁴. Mas também podem ser «ocasião de queda»²⁵. Eles não pretendem satisfazer a curiosidade nem desejos mágicos. Apesar de os seus milagres serem tão evidentes, Jesus é rejeitado por alguns²⁶; chega mesmo a ser acusado de agir pelo poder dos demónios²⁷.
- 549** Ao libertar certos homens dos males terrenos – da fome²⁸, da injustiça²⁹, da doença e da morte³⁰ – Jesus realizou sinais messiânicos; no entanto, Ele não veio para abolir todos os males deste mundo³¹, mas para libertar os homens da mais grave das escravidões, a do pecado³², que os impede de realizar a sua vocação de filhos de Deus e é causa de todas as servidões humanas.
- 550** A vinda do Reino de Deus é a derrota do reino de Satanás³³: «Se é pelo Espírito de Deus que Eu expulso os demónios, então é porque o Reino de Deus chegou até vós» (Mt 12, 28). Os *exorcismos* de Jesus libertam os homens do poder dos demónios³⁴. E antecipam a grande vitória de Jesus sobre «o príncipe deste mundo»³⁵. É pela cruz de Cristo que o Reino de Deus vai ser definitivamente estabelecido: «*Regnavit a ligno Deus* – Deus reinou desde o madeiro»³⁶.
- 1751** O *objecto* escolhido é um bem para o qual a vontade tende deliberadamente. É a matéria dum acto humano. O *objecto* escolhido especifica moralmente o acto da vontade, na medida em que a razão o reconhece e o julga conforme, ou não, ao verdadeiro bem. As regras objectivas da moralidade enunciam a ordem racional do bem e do mal, atestada pela consciência.

²¹ Cf. Jo 5, 36; 10, 25.

²² Cf. Jo 10, 38.

²³ Cf. Mc 5, 25-34; 10, 52; etc.

²⁴ Cf. Jo 10, 31-38.

²⁵ Cf. Mt 11, 6.

²⁶ Cf. Jo 11, 47-48.

²⁷ Cf. Mc 3, 22.

²⁸ Cf. Jo 6, 5-15.

²⁹ Cf. Lc 19, 8.

³⁰ Cf. Mt 11, 5.

³¹ Cf. Lc 12, 13-14; Jo 18, 36.

³² Cf. Jo 8, 34-36.

³³ Cf. Mt 12, 26.

³⁴ Cf. Lc 8, 26-39.

³⁵ Cf. Jo 12, 31.

³⁶ VENÂNCIO FORTUNATO, *Hino «Vexilla Regis»*: MGH 1/4/1, 34 (PL 88, 96).